

dezembro 1998
ano 3
edição meses letivos

Patrimônio arquitetônico de Amparo
Exposição de maquetes de alunos da FAU PUC-Campinas
Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira
spmarg@macbbs.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Affonso Orciuolo Espanha
Cristina Mehrrens EUA
Eduardo Aquino Canadá
Ligia Velloso Nobre Inglaterra
Marcos Tognon Itália
M^{re} Pilar P Pineyro Uruguai
Olivia de Oliveira Suíça
Paul Meurs Holanda
Paulo Dzioli França
Pedro Morcira Alemanha
Ramón Gutierrez Argentina
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores
André Kaplan
Daniel Carmelossi
Isabela Taxa Brisighello
Flávio Laurini
Priscila Vieira Davini

FAU PUC-Campinas
Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 55 019 754.7156
fax 55 019 255.6376
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01 404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

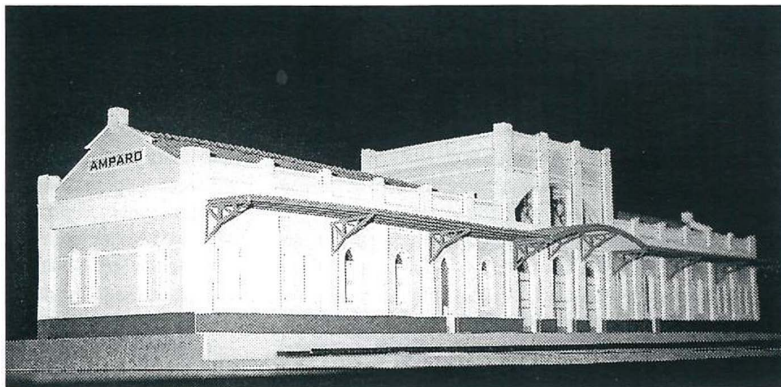
Página Web na Internet
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural
Apple do Brasil
Daigital Kodak



DADIGITAL

IMPRESSO



Estação Mogiana, alunas Fabiana Duarte, Maria Stella Ermetice, Renata e Telma Shimabukuro

Desde o início de 1998 os alunos da disciplina de *História da arquitetura no Brasil* da FAU PUC-Campinas vêm desenvolvendo um estudo sobre Amparo, cujos resultados estão sendo apresentados em uma exposição no Museu da cidade. No plano externo, o trabalho de pesquisa histórico-arquitetônico, iniciativa das professoras Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira, buscou dialogar com autoridades e profissionais locais – arquitetos e historiadores – envolvidos na identificação e proteção do patrimônio cultural Amparense. No plano pedagógico, o trabalho se propôs realizar não apenas um levantamento histórico mas, sobretudo, contribuir para a compreensão do processo projetivo de forma integrada. Buscou-se articular conhecimentos de aspectos da evolução urbana; a análise das plantas dos diferentes programas; das técnicas construtivas; dos elementos estilísticos configurados na forma do próprio edifício.

O resultado desse trabalho crítico foi apresentado em maquetes e textos-dossies capazes de resgatar o saber arquitetônico da época em relação a todos os procedimentos que envolvem o projeto no momento de sua concepção e posterior construção.

Ao propor tal exercício, os professores se pautaram em suas experiências didáticas, que vinham mostrando, já há muitos anos, como o contato direto com a pesquisa de campo através da materialidade da cidade, do edifício e do convívio com situações concretas de vida dos moradores, trazia aos alunos um sentido novo de inserção

de grande número das propostas pedagógicas vigentes em nossas escolas de arquitetura. Na formação do arquiteto o desafio hoje parece ser superar uma dupla fragmentação: em relação à transmissão do conhecimento – compartimento em várias disciplinas – e em relação à ideia de que o passado, o futuro e o presente são instâncias temporais isoladas, o que leva à uma visão estanque do tempo e da história. Na verdade, a história da cidade, não revela o passado, mas sobretudo o próprio presente e os desafios que são colocados à ação do arquiteto. A dedicação dos alunos – dando o melhor de si a esse exercício – e a respostas dos habitantes e dos estudiosos da cidade parece indicar que com práticas como esta, a FAU-PUC-Campinas responde ao seu papel de desenvolver de forma concreta o conhecimento que é gerado nas salas de aulas transformando velhas construções num patrimônio vivo.

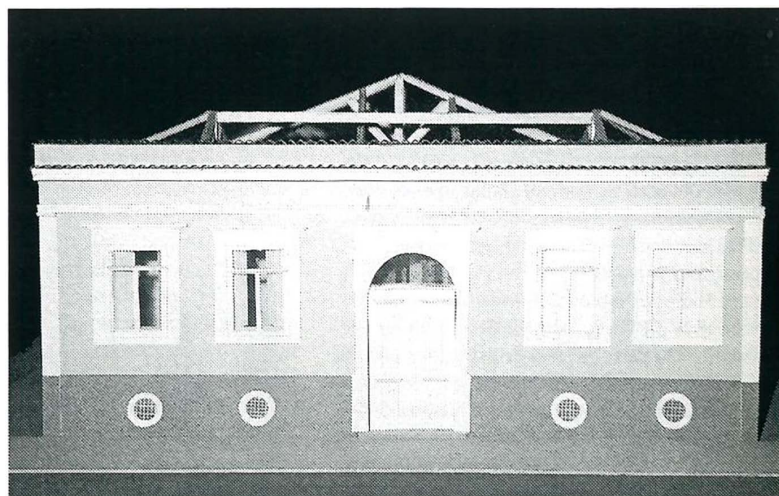
de grande número das propostas pedagógicas vigentes em nossas escolas de arquitetura. Na formação do arquiteto o desafio hoje parece ser superar uma dupla fragmentação: em relação à transmissão do conhecimento – compartimento em várias disciplinas – e em relação à ideia de que o passado, o futuro e o presente são instâncias temporais isoladas, o que leva à uma visão estanque do tempo e da história. Na verdade, a história da cidade, não revela o passado, mas sobretudo o próprio presente e os desafios que são colocados à ação do arquiteto.

A dedicação dos alunos – dando o melhor de si a esse exercício – e a respostas dos habitantes e dos estudiosos da cidade parece indicar que com práticas como esta, a FAU-PUC-Campinas responde ao seu papel de desenvolver de forma concreta o conhecimento que é gerado nas salas de aulas transformando velhas construções num patrimônio vivo.

de grande número das propostas pedagógicas vigentes em nossas escolas de arquitetura. Na formação do arquiteto o desafio hoje parece ser superar uma dupla fragmentação: em relação à transmissão do conhecimento – compartimento em várias disciplinas – e em relação à ideia de que o passado, o futuro e o presente são instâncias temporais isoladas, o que leva à uma visão estanque do tempo e da história. Na verdade, a história da cidade, não revela o passado, mas sobretudo o próprio presente e os desafios que são colocados à ação do arquiteto.

A dedicação dos alunos – dando o melhor de si a esse exercício – e a respostas dos habitantes e dos estudiosos da cidade parece indicar que com práticas como esta, a FAU-PUC-Campinas responde ao seu papel de desenvolver de forma concreta o conhecimento que é gerado nas salas de aulas transformando velhas construções num patrimônio vivo.

Exposição "Patrimônio Arquitetônico de Amparo: maquetes". Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira (coordenação). Museu Histórico: Maria Terezinha Nobre Frare (diretora); arquiteto Erick Witter (diretor da Pinacoteca). Cidade de Amparo: prefeito Carlos Piffer; vice-prefeito José Tadeu de Campos Nobre; arquiteta Rita de Cássia Carrara Carvalho (Departamento de Obras); arquiteto Marilda Gutiere (vice-presidente da AREA de Amparo); prof Roberto Teixeira Lima (historiador). Museu Histórico Pedagógico Bernardino de Campos, r Luiz Leite nº 7, fon 019 870.2742. De terça a sábado, da 13h às 17h, e domingo, das 8h às 12h. Até 11 de dezembro. Outras maquetes: www.puccamp.br/~fau



Hospital Ana Cintra, alunos João P. Martini, Keila Kako, Luana Queiróz, Maira Tosoni, Renata Bedone e Tais Bichara

O último projeto: o fim da arquitetura

Héctor Vigliecca
hv@mandic.com.br

Frank Gehry, escolhido pela história para fazer o ato final da arquitetura deste século, fechou um ciclo de conhecimento e não deixou mais espaço para a experimentação.

Se a história neste século for lida do ponto de vista de um observador leigo, como um mosaico, a arquitetura se mostrará como um devaneio enlouquecido sobre um processo de libertação e isolamento do objeto do desejo. Como um palhaço solitário que, no desespero de fazer seus truques, envelhece tão rapidamente que transforma sua própria existência em pura nostalgia.

Na verdade, quando se procura analisar os autores deste século, descobre-se que eles não existem. Suas obras, embora intensamente marcadas pela inteligência criativa e pelas obsessões individuais, se apresentam como produto da negociação e do intercâmbio coletivo.

Crítica do Informe

Desde o fim do século passado os críticos definiram os limites das artes e seus criadores com terminologias que remontavam a imagens, paráfrases quiméricas, do extraordinário ao prodigioso... das musas inspiradoras; tudo em um mundo nebuloso e impreciso, onde um juízo crítico racional parece proscrito.

Hoje é curioso ver muitos arquitetos apontando uma nova arquitetura através dos conceitos do informe. Fraturas, distorções, diagonais velozes e fugazes, peles tensas, cristais estilhaçados, estruturas torturadas e mórbidas formam parte do léxico da crítica que abusa da paciência de quem quer entender. Mas é curioso ver toda esta arquitetura informe no fim ter que percorrer todos os caminhos convencionais para se transformar, às vezes, no pior das formas. Quando construídas e territorializadas elas não resistem ao cruel resumo de ser mais uma combinação mais ou menos feliz de estrutura, fechamento e decoração.

O arquiteto intérprete

Frank Gehry como profeta do "Desconstrutivismo" com ar do construtivismo russo, que ele tão bem recupera (e que no entanto não reconhece), brinca com sensações de movimento, explosão, fragmentos, mas que se solidificam uma vez construída a arquitetura.

Dentro dos espaços construídos reais, que induzem ao movimento *sem necessidade de destino*, quem olhará as obras expostas? Um absurdo quando pequeno, tem condenação geral, sem clemência. Um absurdo quando grande demais tem uma rara aceitação e um desmedido esforço para realizá-la, como um desafio de vida e morte.

Operação construção

Quando analisados os aspectos construtivos do Guggenheim de Bilbao, se verá que Gehry, propositalmente, não parte da idéia de estrutura portante como estabelecida pelas noções convencionais de estabilidade ao longo de toda a história da arquitetura – do gótico à Calatrava, passando por Gaudí, Nervi e Dieste. Ele parte de outros princípios... mas quais?

O que se percebe observando a estrutura do Mu-

seu e seus detalhes construtivos, é que eles são essencialmente periféricos e não todos auto estáveis. Para desenvolver isto, Gehry contou com uma equipe invejável de técnicos espanhóis e americanos que ficaram alucinados tentando dar estabilidade ao conjunto, com estruturas híbridas e inconseqüentes, que só foram possíveis de serem calculadas com o auxílio dos computadores. Frank Gehry diz que esta obra é resultado de uma leitura local. É difícil acreditar nesta afirmação. No mínimo é adaptação de uma experiência formal autônoma preconcebida com muita antecedência ao encargo.

Uma foto publicada por muitas revistas de arquitetura apresenta prateleiras do escritório de Frank Gehry cheia de volumes parecidos com as fôrmas de madeira que se encontram nos ateliês de sapateiros italianos. Pensar arquitetura como uma madame que prova milhares de sapatos que combinem com seus vestidos pode ser legítimo, mas não nos leva a pensar em um caminho, que induz a uma reflexão de continuidade, e sim a um ponto final. Deus nos livre das cópias.

O fim e o reinício da arquitetura

A aproximação a um novo patamar de reflexão em uma realidade caracterizada pela agressividade, pelas urgências, pela massificação, pela ilegibilidade, pelas grandes quantidades, exige um "novo âmbito de pensamento", um novo patamar de reflexão para começar o trabalho; o ciclo atual está concluído.

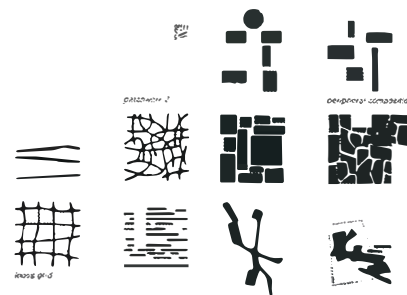
A produção: desvendar e compreender sistematicamente a produção da arquitetura para definir nosso futuro com estratégias precisas. As condições: a arquitetura não versa sobre as condições do desenho e sim sobre o desenho das condições (condição no sentido negativo de causa). As estratégias: a abordagem científica das condições que se manifesta através de uma hipótese estrutural. A territorialização: o aumento das comunicações não nos leva à substituição de um modo de vida por outro, mas apenas à multiplicação das possibilidades.

Héctor Vigliecca, arquiteto (Faculdade de Arquitetura de Montevideo, 1968) com pós-graduação na Università degli Studi di Roma (1970), é professor da FAU Mackenzie e da FAU UNIP



Diagramas e seus usos na arquitetura

Lígia Velloso Nobre, Inglaterra
ligian@globalnet.co.uk



Estudo de organizações de padrões. Stan Allen, *From Object to Field, AD Architecture After Geometry*, Londres, 1997

Constituindo uma forma de pensamento gráfico que opera como um modo de notação e pensamento, o diagrama opera através de gráficos, tabelas, desenhos, figuras ou padrões apresentando os cursos de um fenômeno e relações entre dados exprimindo idéias e suas possíveis formas. O potencial do diagrama no campo da arquitetura está em sua possibilidade generativa ao invés de ser apenas uma ferramenta descritiva. Dentro desta condição generativa, o que passa a ser importante não é o que a forma representa, mas o potencial desta durante o processo de projeção e da arquitetura construída. Embora derivados de sistemas aparentemente fora do campo da arquitetura, os diagramas são uma expressão literal da ordem específica existente de um fenômeno ou de dados, e não um símbolo. Um diagrama apresenta qualidades formais de relações, sejam de programa, forma ou espaços atribuíveis a uma imagem. Esse processo, presente na exploração interdisciplinar dos pioneiros da Bauhaus, foi retomado com as experimentações de Venturi e Eisenman, abrindo espaço para a geração desconstrutivista – Hadid, Tschumi, Libeskind, etc. De acordo com Koolhaas, o OMA quis nos anos 80 se tornar mais independente dos precedentes da arquitetura moderna, procurando outras influências que poderiam possivelmente criar o novo. Por isso, o diagrama passou a ser um dos meios utilizados para visualizar dados e assim torná-los manipuláveis e "desenháveis". Muitos arquitetos da geração mais nova na Holanda apresentam modos de operação através de diagramas como ponto de partida no qual a visualização dos dados pode revelar o conceito básico e desenho para um determinado projeto. O grupo holandês MVRDV por exemplo, utiliza uma técnica desenvolvida denominada *datascape*, combinando termos de "paisagem" (*scape*) e dados (*data*) mediante a geração da forma da arquitetura. Esse tipo de diagrama não está preocupado com a forma *a priori*, mas com a manipulação de dados e informações urbanas existentes, alterando a atenção do desenvolvimento da forma para a análise e manipulação de processos materiais e imateriais. Ao operar fora de uma lógica fixa *a priori* e ser capaz de gerar "outras formas" e práticas de vivência do ambiente construído, o diagrama generativo passa a ser importante no processo de projeção da arquitetura.

Terra, mercado e desenvolvimento urbano

Ricardo Farret, Brasília
farret@unb.br



Habitacões coletivas em Brasília DF. Foto Duda Bentes / DePHA

Há um consenso cada vez maior entre planejadores e gestores da cidade de que o desenvolvimento urbano – e portanto, a qualidade de vida – depende do tratamento que se dá à questão fundiária. Tratadas no âmbito das políticas fundiárias urbanas, as questões relacionadas à propriedade, produção e alocação da terra urbana vêm sendo objeto de experiências em diversas cidades do mundo, em contextos sócio-econômicos variados. Essas experiências têm em comum um maior envolvimento do setor público na questão fundiária, entendendo a terra urbana como um bem heterogêneo, composto por uma diversidade de outros bens, com o peso de cada um deles variando conforme a diversidade de fatores históricos, culturais e econômicos. A política fundiária urbana pode facilitar o processo de planejamento urbano, tornando-o mais ágil no atendimento às demandas sociais e mais eficaz e equitativo na alocação de terras, visando um retorno mais justo das valorizações imobiliárias geradas pela ação do setor público, objeto em geral de apropriação privada. Ao longo dos anos o poder público se utilizou de instrumentos coercitivos, como os controles do uso e ocupação do solo e os tributários. O agravamento dos problemas decorrentes do crescimento desordenado das cidades (segregação e exclusão social, déficit na provisão de serviços urbanos, crise fiscal do Estado, etc.) vem levando à adoção, pelos governos locais em especial, de instrumentos mais ativos de promoção do desenvolvimento urbano, a partir, precisamente, dos recursos resultantes da captura das valorizações imobiliárias. O entendimento que se tem do mercado imobiliário urbano está associado à forma como a questão da propriedade fundiária é encarada. Trata-se de uma discussão conceitual e metodológica controversa, cercada de lacunas. De um lado, as peculiaridades da *terra urbana*: imobilidade, indivisibilidade, heterogeneidade, etc. De outro, os inúmeros agentes e instituições envolvidos na sua produção, comercialização e consumo: as regras jurídicas da propriedade, a indústria da construção civil, os agentes financeiros e os intermediários (loqueadores, incorporadores, projetistas, consultores...), cujos interesses, estratégias, alianças e conflitos se constitui um campo pouco explorado de análise. Até os anos 70 houve um nítido predomínio da abordagem econômica neoclássica que considera o mercado como o instrumento regularizador da

oferta e procura. Essa vertente despolitiza a questão da estruturação do espaço urbano, refletindo "uma concepção ingênua do comportamento dos consumidores e instituições".¹ Eventuais desvios nesse mercado em equilíbrio são creditados a obstáculos institucionais, em geral associados a ações ineficazes do governo sobre o espaço urbano.

Esse quadro se altera a partir dos anos 70, principalmente com a abordagem centrada no comportamento dos agentes e instituições envolvidos no processo de estruturação intra-urbana (Ball, economia urbana; Harvey e Short, geografia urbana; Castels e Topalov, sociologia urbana). Essas vertentes entendem o espaço como cenário onde se desenvolvem as relações de produção e consumo, cabendo ao espaço urbano um papel ativo diante dos processos sociais.

Em qualquer dessas vertentes, um tema substantivo é a formação dos preços imobiliários a partir da apropriação das rendas fundiárias urbanas (venda ou aluguel), preocupação já encontrada em Ricardo, há quase 200 anos, que se colocou duas questões que até hoje permeiam o debate: *como um bem – a terra – paro cuja existência não houve trabalho, pode ter um valor? E qual a justificativa ética para a apropriação privada deste valor?*

A vertente neoclássica eliminou essas inquietações éticas ao sustentar que a renda é apenas o pagamento por um fator de produção, tal como o salário remunera o trabalho e o juro remunera o capital. A terra teria uma produtividade intrínseca, o que, no caso urbano, seria determinada pela acessibilidade que cada porção de espaço traz consigo. A renda teria, assim, um papel técnico de racionalizador do uso de um recurso escasso. Sem ela, "os neoclássicos diriam ser possível conceber a produção de mandioca no centro de São Paulo"² Já a vertente da economia política aponta o caráter de mercadoria, apresentando a terra como um bem *produzido* e sujeito às mesmas leis que regem a produção, circulação e consumo. Há um fator não vinculado fisicamente a ela, mas determinante na formação de seu preço: *as valorizações decorrentes de ações públicas – investimentos em serviços e melhorias urbanas e medidas de zoneamento de uso e ocupação do solo.*

Aceitamos a hipótese de que a propriedade pública do solo urbano e de moradias, em um contexto geral de mercado, poderia eliminar a especulação com uma oferta planejada, através da venda, *leasing* ou cessão de direitos reais de uso, como são os exemplos dos bancos de terra da Suécia e Holanda, da nacionalização do solo na Grã Bretanha, das habitações para locação social na França e dos imóveis funcionais em Brasília.

Infer-se daí que uma agência fundiária pública deveria estar engajada num contínuo processo de produção e transformação de áreas urbanas. *Em outras palavras, na essência do processo de planejamento urbano.*

1 Dowall, D. *Theories of Urban Form and Land Use* IURD/JC Berkeley, 1978, p 65

2 P Cunha e M Smolka. *Notas críticas sobre a relação entre renda fundiária e uso do solo urbano*. Fundap, São Paulo, 1978

Reforma do MASP em debate

Abílio Guerra
oculum@uninet.com.br



MASP de São Paulo, projeto Lina Bo Bardi. Foto Nelson Kon

Em 17 de novembro último foi realizado no auditório da FAU USP o debate *MASP: concepção e cinquentenário*. Estruturado em duas partes, uma primeira composta por depoimentos do seu diretor presidente, o Arquiteto Júlio Neves e do Arquiteto Marcelo Ferraz, diretor do Instituto Lina Bo Bardi, e uma segunda parte, na forma de uma mesa redonda coordenada pela prof^a Maria Cecília França Lourenço (FAU USP), com a participação dos professores Luiz Marques (História da Arte Unicamp), Renato Anelli (Departamento de Arquitetura USP São Carlos) e Agnaldo Farias (curador do MAM Rio de Janeiro).

O objetivo do debate foi o de discutir as reformas que vem sendo implementadas no museu ao longo dos últimos três anos, que no entender de alguns, compromete certos aspectos da sua concepção original. O principal deles é a pinacoteca, que teve seus suportes de vidro retirados e no seu lugar construídas salas com paredes de compensado e gesso, reproduzindo, entre as duas fachadas de vidro, as salas de um museu tradicional. Várias outras iniciativas vêm sendo implementadas, sem que se tenha conhecimento público do projeto dessas reformas.

Nesse aspecto o debate foi prejudicado pela ausência de Júlio Neves e Luiz Marques, um dos principais defensores das mudanças na pinacoteca, que comunicaram na véspera a sua não participação no debate. Também a ausência de Agnaldo Farias, que comunicou a impossibilidade de sua participação pouco antes do início do debate, reduziu o espectro da discussão. Com o auditório cheio, o restante dos debatedores (ao qual se juntou o Prof Júlio Katinsky, diretor da FAU USP) pôde desenvolver reflexões sobre a história e a situação atual do MASP, considerando ser necessária a urgente divulgação do projeto de reformas para que seja apreciado publicamente. Como foi lembrado por um dos presentes, é usual em outros países que dirigentes de museus discutam com a sociedade as mudanças em suas instituições. Basta lembrarmos do exemplo recente do MoMa e do Guggenheim em Nova York, que tiveram seus projetos de ampliação discutidos longamente pela sociedade.

O debate mais amplo sobre o futuro do MASP, reclamado por todos, ficou para o futuro – um futuro que esperamos próximo. Estamos no aguardo dos próximos passos nesse sentido.

Um livro benvindo

Maria Beatriz de Camargo Aranha
fau@acad.puccamp.br



Museu das Missões, Sto Ângelo RS, Lúcio Costa. Foto Paul Meurs

Uma história da arquitetura brasileira do séc. 20: ousadia benvinda. Não deixa de ser um ato de coragem semelhante tarefa. Por sua extensão e complexidade, mas – principalmente – por enfrentar o esforço de síntese nestes nossos tempos contemporâneos tão avessos a elas. O próprio autor é o primeiro a alertar sobre o risco de produzir “uma visão totalizadora que apaga as diferenças, exalta as formas dominadoras e dissimula a diversidade”. Nesse sentido, a iniciativa tem êxito: Segawa consegue equilibrar exames mais localizados e, por isso mesmo mais profundos, com análises de caráter mais panorâmico. Com isso evita o *retrato definitivo* da arquitetura brasileira do período, sem se restringir à narrativa fragmentada.

Recordo a reiterada constatação de que a historiografia sobre arquitetura brasileira é escassa e pontual. Importante, portanto, a inclusão da produção arquitetônica de regiões não mencionadas nos poucos manuais existentes, o que desloca a abordagem focada em grandes arquitetos e obras primas para o exame de processos constitutivos das diferentes arquiteturas que dão nome ao livro e aos seus capítulos. Temos então a determinação do *Modernismo Programático*, da *Modernidade Pragmática* e da *Modernidade Corrente*. Esse deslocamento faz com que o urbanismo e as cidades brasileiras também se tornem objeto de análise, o que, por sua vez, conduz ao cotejamento com outras disciplinas.

Delineiam-se os capítulos: *O Brasil em Urbanização 1880–1926; Do Anticolonial ao Neocolonial: A Busca de Alguma Modernidade 1880–1926; A Afirmação de uma Escola 1943–1960; A afirmação de uma hegemonia 1945–1970; Episódios de um Brasil Grande e Moderno 1950–1980 e Desarticulação e Rearticulação*. Percebe-se um outro risco: a análise interdisciplinar suplantará a questão inicial. Também aqui Segawa tem êxito: em nenhum momento a arquitetura deixa de ser o eixo central. Nomeando modernidades, questionando hegemonias, discutindo escolas ou arriscando prognósticos: é sempre a arquitetura o objeto privilegiado. Pode-se não concordar inteiramente com Segawa, mas é mais um mérito do livro: explicitar os argumentos e posições do autor. Debates e diferenças que raramente deixam os circuitos universitários tornam-se públicos: estímulo para que outras posições sejam explicitadas.

Hugo Segawa *Arquiteturas no Brasil. 1900–1990*. Edusp, 1998

Patrimônio de tempos e lugares de conflito

Pilar Pérez Piñeyro, Uruguai
mapilar@chasque.apc.org

Os historiadores do processo de urbanização do Cone Sul destacam o papel importante da fundação espanhola de San Felipe y Santiago de Montevideu a partir de 1724.

O primeiro assentamento humano organizado no território foi estabelecido pelos portugueses em 1680. A Nova Colônia do Sacramento, estrategicamente implantada sobre uma península do Rio da Prata, na desembocadura dos rios Uruguai e Paraná e frente à cidade de Buenos Aires, se propôs estender os domínios lusitanos até a *fronteira natural* do estuário *platense* e penetrar no mercado colonial espanhol. Como centro de um intenso contrabando, os historiadores do processo econômico, reconhecem a importância da ativação da economia no Rio da Prata promovida pela povoação lusitana. O intercâmbio que se estabeleceria entre Colônia e Buenos Aires gerará laços culturais que perduram até hoje. Do ponto de vista territorial, dali se traçaram rotas até Minas Gerais e São Paulo e a história urbana de Porto Alegre inclui em seu relato referências bem detalhadas sobre a Colônia do Sacramento. Finalmente, o estabelecimento português provocou o interesse espanhol pelo território, acelerando seu definitivo processo de povoamento.

Desde suas origens, distintos tratados diplomáticos e ações militares alternaram a soberania do assentamento entre os reinos de Espanha e Portugal, com a diferença de que o primeiro se dedicará a destruir sistematicamente a cidade construída e reconstruída a cada vez pelos portugueses. Em 1777, Colônia do Sacramento será arrasada definitivamente pelo primeiro vice-rei do Rio da Prata; seus materiais de demolição foram distribuídos entre Buenos Aires e Maldonado e a cidade teve que reinventar suas origens. Três séculos depois, seu traçado urbano, elaborado à margem das Leis das Índias, persiste como testemunho de tempos e lugares de conflito.

O patrimônio urbano e arquitetônico de Colônia, abandonado durante décadas, inicia nos anos cinquenta um lento processo de reconhecimento liderado pelo arquiteto Miguel Angel Odriozola. Tal processo tomará, em sua última etapa, alguns rumos polêmicos: no final dos anos setenta se processam mudanças importantes na constituição social da cidade velha de Colônia e um contingente importante de estrangeiros, assume uma grande porcentagem das reabilitações. Em 1995 a cidade é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade, integrando-se ao conjunto das 15 cidades sul-americanas protegidas pela Unesco.

Dois publicações sintetizam a situação atual de Colônia de Sacramento: os *Guias Elarqa de Arquitectura vol 4* traz minucioso itinerário, destacando a integração da arquitetura portuguesa, colonial espanhola e pós-colonial republicana, muitas delas revitalizadas por intervenções contemporâneas; e a revista *Elarqa* nº 20 fala sobre o presente e o futuro deste território, atualmente exposto aos desafios da construção de infra-estruturas regionais.

Bibliografia: www.puccamp.br/~fau

Acontece

Exposição, curso, concurso,
encontro e outros eventos culturais

Biblioteca CAD – Ócullum

1. *Habitat*, Nabil Bonduki (org), 1997, 2ª ed., Studio Nobel, r Maria Antonia 108 fundos, 01222-010 São Paulo SP, fon 011 257.7599, fax 011 257.7599, studionobel@livrarianobel.com.br
2. *Natureza y ciudad: Planificación urbana y procesos ecológicos*. Michael Hough, Gustavo Gili
3. *Arquitectura y clima: Manual de diseñó bioclimático para arquitectos y urbanistas*. Victor Olgyay, Gustavo Gili, Rosselló 87-89, 08029 Barcelona España, fon 322.8161, fax 322.9205
4. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Marcelo Puppi, Pontes Editores, r Maria Monteiro 1635, 13025-152 Campinas SP, fon 019 252.6011, fax 019 253.0769

Mostra de gravuras e matrizes na Galeria SESI
Os colecionadores 1998. Guita e José Mindlin: matrizes e gravuras. De 24nov a 7fev99. Centro Cultural FIESP, av Paulista 1313, São Paulo. Terça a domingo, das 9h às 19h

24ª Bienal de São Paulo termina em dezembro
Com o conceito *antropofagia* para as representações nacionais, mais o Núcleo Histórico (entre outros, Roger Bacon), no Pavilhão do Ibirapuera, Pque do Ibirapuera, portão 3, fon 011 574.5922. De 3ª a 6ª, das 13h às 21h; sáb e dom, das 10h às 21h. Até 13dez

Documentação do Seminário de urbanismo
Está disponível documentação do *V Seminário de história da cidade e do urbanismo: Caderno de resumos e CD-Rom com Anais* (R\$15 cada); 6 fitas de vídeo das conferências e mesas redondas (R\$30 uma; R\$150 todas). FAU PUC-Campinas. Fon/fax 019 756.7088, VSHCU@acad.puccamp.br

Museu de arte popular brasileira

A Casa do Pontal é o maior museu de arte popular do Brasil, com coleção de mais de 5 mil peças. Estrada do Pontal 3295, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro RJ, fon/fax 021 490.3278

Está no ar o número 2 da revista PONTO
Site feito por estudantes de arquitetura. Neste número: Maria Bonomi fala a respeito dos *Territórios Imaginários* de Renina Katz; conversa com Álvaro Puntoni; visita ao orfanato de Aldo van Eyck; projeto do Parque Estadual de Ilhabela de Marcos Acayaba e equipe. www.ponto.org

VI Semana de Arquitetura em Natal, RN
De 09-13nov. Departamento de Arquitetura, Centro de Tecnologia, BR 101, 3000, Campus Universitário, Lagoa Nova, 59097-970 Natal RN, fon 084 215.3721 / 215.3772, monica@ct.ufrn.br

IV Encontro de Arquitetura e Engenharia na PB
Com palestra de Clorindo Testa mais a *Mostra de arquitetura do nordeste*. Organização do Centro de Tecnologia da UFPB e do IAB/PB. Info: fon 083 216.7119, fax 083 216.7378